

# “ESCREVER ASSIM MESMO, APESAR DO DESESPERO. NÃO: COM O DESESPERO”<sup>16</sup>

Diálogos possíveis entre Escrita, Angústia e Psicanálise

Amanda Queiroz<sup>17</sup>

## Um risco inaugural

Este breve ensaio não se propõe a destrinchar as miudezas que envolvem o conceito de angústia, tema inesgotável e imprescindível ao pensamento clínico e às produções teóricas psicanalíticas, tampouco a exaurir as numerosas correspondências entre escrita e psicanálise. Caberá ao leitor identificar de que modo é causado pela temática e extrapolar, a partir de suas próprias investigações, as referências que serão aqui apresentadas. Este trabalho é, precisamente, um ponto de partida, um *texto-flecha* em direção às experiências singulares de escrita dos sujeitos que escrevem *com*, *apesar* e *a partir* da angústia.

Literatura e psicanálise, dois campos heterogêneos e, simultaneamente, íntimos e dialógicos, caminham, lado a lado, neste ensaio; entre trocas possíveis e limitações, busca-se a apropriação dos frutos irreversíveis do encontro da psicanálise com

---

<sup>16</sup> “Escrever assim mesmo, apesar do desespero. Não: com o desespero” é um fragmento extraído do livro “Escrever”, de Marguerite Duras, que pode ser localizado através da referência: DURAS, Marguerite. Escrever (1993). Belo Horizonte: Relicário, 2021, p. 39.

<sup>17</sup> Psicóloga clínica de orientação psicanalítica; formada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

o texto literário. Ora, são inúmeros os autores que nos convidam a pensar pontos de articulação entre a escrita literária e a prática analítica. É o caso do escritor, crítico literário e semiólogo francês Roland Barthes.

No ensaio “Da Ciência à Literatura”, Barthes nos brinda com a seguinte colocação: “[...] o que hoje descobrem as ciências humanas, seja qual for a ordem, sociológica, psicológica, psiquiátrica, etc., a literatura sempre soube; a única diferença é que ela não o *disse, escreveu*” (BARTHES, 1967/2012, p. 12, grifos do autor). Isso que não se diz, mas que se escreve, ou que, ao menos, se tenta escrever é matéria caríssima à psicanálise. Em consonância com autor, em *O Seminário, livro II: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Jacques Lacan (1954-1955/1978, p. 16) nos adverte: “Os poetas que, como é notório, não sabem o que dizem, dizem, porém, as coisas antes dos outros”. Que os poetas, artistas e escritores alcançam ângulos recônditos da compreensão que escapam aos teóricos e aos intelectuais já é sabido, contudo, não nos deixemos enganar: o texto literário pode ser uma fonte de acesso àquilo que os psicanalistas não alcançam dizer, ainda que, como toda produção da linguagem, não seja imune aos limites do indizível.

A escrita, como afirma Marguerite Duras, aquela que ousa “escrever o pavor de escrever”, é o desconhecido: “Antes de escrever, nada sabemos acerca do que vamos escrever. E com toda lucidez. É o desconhecido de si mesmo, da sua cabeça, do seu corpo” (DURAS, 1993/2023, p. 52; p. 63-64). Ademais, aquele que escreve, não sendo senhor absoluto em sua escritura, mergulha nas funduras da escrita sem saber o que encontrará: “Escrever é tentar saber o que escreveríamos se fôssemos escrever — só ficamos sabendo depois” (Ibid., p. 64). À luz dessa perspectiva,

este ensaio tece uma costura entre escrita, angústia e psicanálise, possibilitando ao leitor uma breve imersão no desconhecido das experiências de escrita, inequivocamente vastas e distintas — como atesta a prática clínica e os textos literários.

### **O afeto que não engana**

O afeto norteador da clínica psicanalítica é a angústia; afeto que não engana, da ordem do real e, portanto, impossível de ser capturado pelo significante. Termo intermediário entre o gozo e o desejo, é justamente na hiância entre um e outro que a angústia dá as caras. Enquanto afeto sem representação e sinal da emergência do objeto *a*, a angústia aponta para o real e opera como balizador importante para o analista em sua prática clínica.

Antes de adentrarmos mais detidamente no conceito de angústia presente no ensino de Lacan, destrinchado com afinco no *O seminário, livro X: A angústia*, é preciso recorrermos a algumas postulações de Freud a respeito desse afeto. Em “Inibição, Sintoma e Angústia”, Freud (1926/2014, p. 53) afirma que “a angústia é, em primeiro lugar, algo que se sente”. Em sua obra, a angústia é concebida como um afeto, e não como um sintoma; um afeto especial “capaz de obter posição excepcional na economia psíquica” (Ibid., p. 70). Freud estabelece que a angústia é um sinal de reação ao perigo, vinculada ao recalque e à perda de objeto. Lacan, por sua vez, reconhece que a angústia *não é sem objeto*, o que não significa afirmar que existe objeto do desejo.

O que interessa a Lacan é um objeto de natureza peculiar, que subverte a própria noção de objeto e é nomeado por ele “objeto *a*” — objeto causa de desejo, não especularizável e condensador de gozo. Sinal de perigo em Freud, a angústia é sinal

da proximidade do sujeito com o objeto *a* no ensino de Lacan (1962-1963/2005, p. 98): “A manifestação mais flagrante desse objeto *a*, o sinal de sua intervenção, é a angústia”. Mais adiante, no mesmo seminário, ele acrescenta: “Do real, portanto, de uma forma irreduzível sob a qual esse real se apresenta na experiência, é disso que a angústia é sinal” (Ibid., p. 178).

Sentida como certeza avassaladora no corpo e não sendo passível de ser representada, a angústia é demasiadamente perturbadora ao sujeito, pois, sua condição de afeto, não é recalcada, conservando-se à deriva. Lacan determina que há uma relação elementar entre a angústia e o desejo do Outro. Enquanto “falta da falta”, a angústia emerge na forma de um enigma acerca do lugar que ocupamos no desejo do Outro: “[...] a angústia manifesta-se, sensivelmente, como relacionada de maneira complexa com o desejo do Outro. Desde essa primeira abordagem, indiquei que a função angustiante do desejo do Outro estava ligada a eu não saber que objeto *a* sou eu para esse desejo” (Ibid., p. 353). Não há análise sem sustentação da angústia e, para que o desejo possa advir, é necessária uma perda de gozo. Resta a cada sujeito, invariavelmente atravessado pela angústia, encontrar saídas singulares para se haver com esse afeto inquietante e tão intimamente ligado à constituição do desejo.

Há aqueles que *escrevem*.

## **Escrita, psicanálise e literatura**

*Em torno de nós, tudo escreve, é isso  
que precisamos perceber.*<sup>18</sup>

Marguerite Duras

---

18 DURAS, Marguerite. *Escrever*. Belo Horizonte: Relicário, 2021. [1993]. p. 55.

São numerosas as correspondências entre escrita e psicanálise na obra freudiana. A começar pela teorização do aparelho psíquico, concebido por Freud como um sistema de escrita. Nessa mesma direção, na *Carta 52*, destinada a Wilhelm Fliess, o suporte da dimensão do escrito presente na concepção de memória freudiana é evidenciado: “[...] o que há de fundamentalmente novo em minha teoria é a afirmação de que a memória não está disposta em apenas uma, mas em várias camadas que é *escrita* com vários tipos de signos” (FREUD, 1896/2017, p. 35, grifos meus). É Freud quem, evidentemente, inaugura as elaborações sobre a escrita na teoria psicanalítica. Lembremo-nos: é também o inventor da psicanálise que nos adverte que os escritores criativos “estão bem adiante de nós” (Id., 1907/1976, p. 18). Quando Freud passa a se interrogar sobre os artistas e suas criações, o lugar da escrita na psicanálise assume novos contornos.

Freud estreita as distâncias entre a linguagem científica e a linguagem literária e demonstra, em um certo sentido, a afinidade entre a arte e a psicanálise. A figura do poeta e a do escritor literário lhe despertam um interesse notável e marcam presença em alguns de seus célebres textos. De acordo com Iannini (2024), assim como a ciência é condição para a psicanálise, a literatura também o é. A escrita científica e a escrita literária têm suas exigências próprias, conquanto a psicanálise freudiana não teria sido possível sem a convivência dessas duas vertentes que são, à primeira vista, heterogêneas. A figura do próprio Freud, indicado ao Prêmio Nobel de Literatura em 1936, médico, cientista e escritor, nos fornece pistas inequívocas da estreita proximidade entre a psicanálise e a literatura.

Lacan, ao seu modo, acompanha os passos de Freud e enriquece a teoria psicanalítica acerca da escrita, concebendo-a

como um sistema autônomo de linguagem e reconhecendo a sua anterioridade em relação à fala. É através do encontro com a escrita de James Joyce que Lacan afina a relação entre significante, linguagem e letra, noções cruciais a sua teorização da psicanálise. As articulações entre sujeito e escrita e entre fala e escrita, presentes no seu ensino, pedem uma investigação mais minuciosa a todos aqueles que são tocados pela escrita e que praticam a psicanálise. Nessa perspectiva, Castello Branco (2011, p. 65) alumbra os caminhos ramificados em que sujeito e escrita se esbarram e se (des)encontram continuamente: “Como numa banda de Moebius, escrita e sujeito mantém, assim, uma relação de interioridade/ exterioridade que não opõe um ao outro, mas antes os conjuga, continuamente, em movimentos que aparentemente se alternam”.

Múltiplos e singulares são os caminhos e descaminhos que os sujeitos que se arriscam nas letras atravessam. A psicanálise nunca sai ilesa do encontro com a literatura. A clínica psicanalítica não cessa de se encontrar com a experiência literária; seja nas cartas trocadas entre amores, no trabalho analítico que se afigura nos mais diversos contextos (consultórios, ruas, hospitais, escolas...), ou nas planícies sulcadas de *Lituraterra*<sup>19</sup>.

## Escrita e angústia

*Queres o verso ainda? Assim seja.  
Mas viverás tua vida nesses breus.*<sup>20</sup>  
Hilda Hilst

---

19 Neologismo presente no texto lacaniano “Lituraterra”, que pode ser conferido na referência: LACAN, Jacques. *Lituraterra* (1971). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2023.

20 “*Queres o verso ainda? Assim seja. Mas viverás tua vida nesses breus.*” são versos da escritora Hilda Hilst. O poema completo pode ser encontrado através da referência: HILST, Hilda. *Da poesia* (1930-2004). São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 138-139.

Apesar de identificarmos, nos modos em que os sujeitos se relacionam com a escrita, repetições e tendências que flertam com o universal e com o particular, não há escape: a relação de cada sujeito com a escrita somente poderá ser considerada em sua singularidade inventiva. Há aqueles que dela se beneficiam como uma via potente de expressão, se vivificam e se organizam no seu exercício e, com algum sucesso, conseguem apaziguar certa angústia. Em contrapartida, são muitos os que se perdem na escrita e são tomados por um mal-estar no ato de escrever. Para alguns, o ímpeto de escrever surge em contextos de sofrimento, enquanto outros escrevem a partir da experiência do belo, do apaixonamento e do deslumbramento. Há os que têm a escrita como ofício de vida, os que escrevem para não enlouquecer, os que escrevem por incumbência e, ainda, aqueles que fazem da escrita um meio de dirigir uma demanda de amor. Escrever pode fazer coexistir prazer e desprazer, deleite e desolação.

Muitos autores, através de suas obras, sejam elas predominantemente ficcionais, biográficas ou autobiográficas, nos incitam a refletir sobre o lugar que a escrita pode ocupar na vida de um sujeito, seja no espaço de uma análise ou em outros contextos. Não existe a possibilidade daquele que escreve não colocar algo de si em qualquer texto que produza, assim como há doses de ficção em qualquer biografia ou autobiografia. Marguerite Duras e Clarice Lispector são escritoras que fazem parte de um conjunto de autores que contribuem com a discussão sobre o papel da escrita em uma vida e em uma análise. Nesta seção do ensaio, daremos destaque a depoimentos contidos em cartas escritas por Lispector, uma das escritoras brasileiras mais inovadoras do século XX, e a elaborações da escritora, roteirista e

dramaturga francesa Duras sobre a escrita em seu prestigiado livro “Escrever”.

A obra “Escrever” é um verdadeiro tratado acerca da experiência da escrita. É nesse livro que Duras (1993/2021, p. 27) discorre sobre a solidão que todo escritor precisa fundar para escrever: “A solidão não se encontra, se faz. A solidão se faz sozinha. Eu a fiz”. Ela sustenta que a escrita depende da força do corpo e que aqueles que se aventuram na “furiosa loucura da escrita” (Ibid., p. 63) correm riscos, um deles, afirma a autora, é o de perder-se no processo de escrita. Escrever encantava a vida de Duras, que fez da escrita um meio de salvação para si: “Encontrar-se num buraco, no fundo de um buraco, numa solidão quase total, e descobrir que só a escrita vai te salvar” (Ibid., p. 30). Nessa mesma obra, a escritora estabelece uma ponte direta com a psicanálise, ao expressar que se surpreende com as frases de Lacan presentes em uma homenagem do psicanalista a um de seus livros mais renomados. Em “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein”, Lacan (apud DURAS, 1993/2021, p. 30) declara: “Ela não deve saber que escreve aquilo que escreve. Porque ia se perder. E isso seria uma catástrofe”. Trata-se de uma observação de Lacan que pode suscitar a reflexão acerca da vivência de perdição de si mesmo e da sensação de alteridade que alguns escritores experienciam no ato de escrever. Vale destacar que as experiências de escrita aqui referidas devem ser tomadas em sua singularidade radical. A esse respeito, Duras (Ibid., p. 32) nos proporciona mais uma reflexão valiosa: “Ninguém jamais escreveu a duas vozes. Podemos cantar a duas vozes, fazer música também, e jogar tênis, mas escrever não. Nunca”.

As correspondências que Clarice Lispector — aquela que escreve por incumbência, porque *não há como não*



*escrever* — endereçou a amores, familiares, amigos e editores, revelam como a escritora se colocava em seu ofício e ilustram o papel que a escrita desempenhou em sua vida. Em uma das cartas que costumava trocar com a irmã Tania Kaufmann, admite: “Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que o amor” (LISPECTOR, 2019, p. 44). O desejo e o amor diante da escrita e do ato de escrever marcam presença no registro de cartas trocadas entre os destinatários da escritora. Conquanto, as dificuldades que acompanham o exercício da escrita sempre foram reconhecidas por ela; em uma correspondência a Nélide Piñon, grande amiga de Clarice, da vida e da literatura, confessa: “Eu tenho vontade de nunca mais escrever, é duro demais” (Ibid., p. 768). Sejam em cartas, crônicas, bilhetes, contos, ou em quaisquer tipos de escrita, todo sujeito deixa algo de si naquilo que escreve.

E as escritas poéticas? Talvez possamos afirmar que a poesia aparece quando todo o resto fracassa. O poema possibilita a abertura a um universo simbólico singular. Assim, os poetas jogam com a língua, permitindo a subversão do uso ordinário das palavras e dos objetos. Conforme Veras (2023, p. 132), para ser poeta, é necessário se desapegar do sentido comum das palavras: “[O poeta] avança no mundo misterioso das palavras e nos traz verdades que não sabíamos conhecer, transita pelo mundo sem buscar sentidos preestabelecidos. Sua obra se situa no umbral entre a palavra e o que não pode ser dito”. Há produções textuais que testam o limite da legibilidade e escritas que não se dão a ler. Sob essa ótica, que lugar teria a poesia — que abrange o *nonsense*, o não dito e o impossível de dizer — em uma análise?

Podemos pensar que a poesia fratura a linguagem e produz efeitos de furo. Através da escrita, com destaque à escrita

poética, é possível brincar com as palavras de maneiras inéditas. Como preconiza Barthes (1963/2008, p. X): “escrever é abalar o sentido do mundo”. A partir desse entendimento, a escrita tem o potencial de estremecer a teia de sentidos que cada sujeito carrega em sua bagagem simbólica.

### **Riscar é arriscar**

A temática da escrita em psicanálise pode ser abordada por ângulos diversos e, seguramente, este ensaio introdutório, que explora, ainda que de maneira preliminar, a tríade escrita, angústia e psicanálise, poderia ser desdobrado em muitos outros em um momento posterior. Este trabalho ancora-se na aposta de que, via escrita, e atravessado pela angústia, um sujeito em análise pode dar um lugar novo ao que é irrepresentável ou ao que ainda não tem representação em sua história.

Assim como falar, escrever pode mirar na criação de novas associações, na descoberta e na invenção de sentidos para a trama de significantes da vida de um sujeito, bem como permite que aquele que escreve se depare com o não dito, com o sem sentido e com o indizível. Entretanto, escrever não é sem custo, como nos ensina Duras e tantos outros. Paga-se com o corpo, com a solidão e, por vezes, com boas doses de angústia. Entre a salvação e a perdição, as experiências de escrita são plurais e absolutamente únicas para cada um dos sujeitos que arriscam escrever *com, apesar e a partir* da angústia.

Sustentada pela ética do desejo, a psicanálise trabalha com o sujeito desejante, que, inexoravelmente, irá se esbarrar com a angústia em sua trajetória de vida e em seu percurso analítico. Caberá a cada um criar artifícios para lidar com o real — que irrompe fora do registro simbólico, nunca se escreve, mas insiste

em retornar — e construir um saber-fazer com o seu *sinthoma*. Os momentos de crise e de sustentação da angústia comportam sementes de transformação, possibilitando rearranjos às cadeias engessadas de significantes de um sujeito. A escrita é apenas um dos meios de se haver com a angústia.

Cada paciente chega a uma análise vestido de uma série de discursos, carregando gramáticas produzidas pela família, pela sociedade e pela cultura a respeito dos seus sofrimentos. Assim, para se tornar o protagonista de sua vida, deverá escrever a sua própria história, se despindo de significantes que não lhe dizem respeito e inaugurando um caminho mais autoral e desejante para si. Nesse sentido, a psicanálise é um verdadeiro *antidestino*. Todo sujeito que se arrisca no desejo terá de trilhar as sinuosas veredas da angústia e criar soluções inventivas para lidar com esse afeto tão desconcertante.

Nas palavras de Safatle (2024):

[...] “prepare-se porque um dia você irá se quebrar, você irá se trair”. Você irá se deparar com aquilo que não se submete ao seu controle, aquilo que te tira da jurisdição de si mesmo, aquilo que te desfaz em suas identidades, aquilo que desorienta ação e julgamento. *Nessas horas, faz toda a diferença saber como cair, como cair de outra forma.* (SAFATLE, 2024, p. 16 & p. 17, grifos meus).

Talvez, escrever seja isto: a própria queda e, concomitantemente, um outro modo de cair.

## REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. **Da ciência à literatura (1967)**. In: O rumor da língua. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BARTHES, Roland. **Sobre Racine (1963)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

CASTELLO BRANCO, Lucia. **Chão de letras: as literaturas e as experiências da escrita**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

DURAS, Marguerite. **Escrever (1993)**. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

FREUD, Sigmund. **Carta 112 [52], de 06 de novembro de 1896 (1896)**. In: Obras Incompletas de Sigmund Freud: Neurose, Psicose, Perversão. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

FREUD, Sigmund. **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen (1907)**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. **Inibição, sintoma e angústia (1926)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HILST, Hilda. **Da poesia (1950-1995)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

IANNINI, Gilson. **Freud no século XXI: volume 1: o que é a psicanálise?**. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

LACAN, Jacques. **Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein (1965)**. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LACAN, Jacques. **Lituraterra (1971)**. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2023.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 10: A Angústia (1962-1963)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 2: O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as cartas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

SAFATLE, Vladimir. **Alfabeto das colisões**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

VERAS, Marcelo. **A morte de si**. São Paulo: Editora Bregantinni, 2023.